

## REPRESENTAÇÃO E IMPRENSA NEGRA: UMA ANÁLISE DO PAPEL DAS NARRATIVAS NA REVISTA *RAÇA BRASIL*

Filipe Mantovani Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por finalidade observar a representação da minoria negra em narrativas publicadas em *Raça Brasil*, revista voltada ao público afrodescendente. É pressuposto deste trabalho que as imagens de grupos possam ser (re)construídas de acordo com os discursos que circulam a respeito deles. As análises permitiram identificar a tendência de a publicação representar os negros que protagonizam as narrativas como indivíduos capazes de obter sucesso (entendido como ascensão profissional) por meio do esforço individual. Constatou-se, ademais, que os critérios para que se avalie o sucesso dos negros representados são determinados pelos discursos discriminatórios que circulam em sociedade, os quais a revista procura contradizer. Foram utilizados, como embasamento teórico, trabalhos de van Dijk (2006), Charaudeau (2010, 2005), Mira (2001), Tajfel (1981), entre outros.

**Palavras-chave:** mídia, minorias, negros, representação, revistas.

### ABSTRACT

This paper analyzes the representation of the black minority in narratives published on *Raça Brasil*, a magazine that is aimed at Afro-Brazilians. It is assumed in this paper that the images of groups can be (re)constructed according to the discourses that circulate about them. The analysis made it possible to identify a tendency to represent the black protagonists of the narratives as individuals that are capable of being successful (i.e. professionally successful) by means of individual effort. It was also observed that the criteria by which the success of the black protagonists is assessed are determined by the prejudiced discourses that circulate in society, which are opposed by the magazine. The theoretical basis of this paper consists of the works of van Dijk (2006), Charaudeau (2010, 2005), Mira (2001), Tajfel (1981), and others.

**Keywords:** black identity, magazines, media, minorities, representation.

### Considerações iniciais

Este trabalho tem por objetivo analisar a imagem de negros projetada pelas narrativas publicadas por *Raça Brasil*, revista voltada a afrodescendentes bastante consolidada no

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Brasil, e também compará-la à imagem estereotípica de negrosgrávida em nossa sociedade, a fim de observar pontos em comum e divergências entre elas, identificando, assim, a orientação ideológica da publicação em questão. Para tanto, serão analisadas duas narrativas, quais sejam, (1) “Entre sonhos e conquistas” e (2) “Além da vocação”, publicadas respectivamente nas edições 129 e 131 da revista supramencionada e anexadas a este trabalho (p. 15-19). É significativo observar que as narrativas biográficas de indivíduos negros consiste em prática bastante recorrente na revista. Os protagonistas das revistas são sempre negros, havendo a possibilidade de serem conhecidos pelo grande público (caso de cantores como Paula Lima e Leci Brandão) ou desconhecidos, como é o caso de Nilton Ribeiro e de Marcelo Violla, protagonistas das narrativas (1) e (2).

Nas seções a seguir, apresentamos uma breve discussão teórica, em que são expostos alguns conceitos das áreas de Análise Crítica de Discurso, Análise de Discurso e Psicologia Social que nortearam nossas análises.

### **Uma abordagem triangular do discurso**

Segundo van Dijk (2006), a produção e interpretação de sentidos são necessariamente balizadas pelas dimensões cognitiva, discursiva e social, isto é, as cognições individual e social, aliadas ao contexto sócio-histórico de produção do discurso e às possibilidades de significação de uma dada materialidade discursiva seriam responsáveis pela produção de sentidos, conforme se observa no esquema a seguir:



Procedemos, nos próximos itens, à apresentação e discussão de conceitos atinentes às dimensões que constituem os vértices do triângulo proposto por van Dijk, quais sejam, a cognição, o discurso e a sociedade, sem que se ignorem as imbricações entre elas.

### **Dimensão cognitiva: a noção de minoria e as relações inter e intragrupoais**

Cognitivamente, a discriminação está vinculada à categorização, entendida como processo mental por meio do qual indivíduos são vinculados a grupos segundo as características que possuem ou que se pressupõe que eles possuam (Tajfel, 1981; Liebkind, 1984). Trata-se de um processo que facilita as interações dos indivíduos com um meio social complexo (Boderhausen, 1993), na medida em que permite que se façam inferências a respeito de um determinado indivíduo simplesmente porque ele se vincula a um grupo específico.

A esses grupos são normalmente atribuídos afetos, os quais podem ser negativos ou positivos. A associação entre um afeto negativo e um determinado grupo é a base cognitiva tanto do fenômeno da discriminação quanto da separação entre grupos majoritários e minoritários. Cabe salientar que a vinculação de afetos a um grupo é algo regulado social e culturalmente, o que significa dizer que o processamento de ordem cognitiva envolvido no esforço de categorização não implica comportamento discriminatório.

Os grupos a que os indivíduos se vinculam podem ser minoritários ou majoritários. Liebkind (1984) esclarece que esses grupos diferem quanto a características raciais, étnicas, religiosas, sociais, linguísticas, culturais que podem tanto sobrepor-se quanto decorrer umas das outras. Dessa forma, um dado étnico, como a cor da pele e cabelos, pode ter como consequência o enquadramento de um indivíduo em um grupo minoritário.

O conceito de minoria não é entendido, portanto, segundo um critério quantitativo, mas qualitativo (Tajfel, 1981), isto é, são considerados membros de grupos minoritários sujeitos que possuem uma ou mais características distintivas socialmente desprestigiadas e passíveis de implicar mudanças nos padrões de relações sociais (Liebkind, 1984). Além disso, é característica de um grupo minoritário a ciência de sua própria existência por parte de seus membros e também o reconhecimento de uma ou mais características que os unam (Tajfel, 1981).

Dessa forma, o grupo dos negros, ao qual se dirige a revista *RaçaBrasil*, ainda que bastante expressivo numericamente no cômputo da população brasileira, pode ser considerado uma minoria, visto que possuir pele negra pode ter como consequência a adoção de padrões de comportamento discriminatórios, os quais, por exemplo, implicam dificuldades de ascensão profissional e, por consequência, maior dificuldade de acesso a renda.

A compreensão da dinâmica intergrupala e das tensões que lhe são intrínsecas parece relevante para que se compreenda o projeto editorial de *Raça Brasil* e o papel social que ele clama para si, do qual tratamos mais adiante neste trabalho. Antes disso, no entanto, apresentamos a visão de discurso que é base deste trabalho.

### **Dimensão discursiva: visão de discurso, manipulação, narrativas e mídia**

As páginas das revistas *Raça Brasil* estão, via de regra, repletas de narrativas, as quais se ocupam tanto do relato de histórias de vida de negros famosos quanto desconhecidos.

De acordo com Charaudeau (2005), o ato de narrar está intimamente relacionado ao fazer jornalístico. Segundo esse autor, a narração consiste na descrição das ações em que se engajam indivíduos, os quais “agem ou sofrem a ação, inscrevendo-se em esquemas de ação conceitualizados que lhes conferem uma razão de ser, ao fazer alguma coisa” (p.13).

O autor salienta que os esquemas de ação não são dados de forma apriorística, mas são construídos conforme um sujeito lança seu olhar ao “mundo a comentar” e o converte, por meio da ação linguageira, em um “mundo comentado” (Charaudeau, 2010:95).

O mundo a comentar consiste, para esse autor, no “efeito de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa”, enquanto o mundo comentado resulta da integração do “mundo a comentar” em um sistema de pensamento, tornando-o inteligível (*id. ibid.*). Dessa forma, o ato de narrar só pode ser concebido se assumirmos que há sempre a adoção de um ponto de vista por parte do sujeito que profere o discurso.

Assim, tal como Oléron (1983:112), consideramos que o processo de produção discursiva seja inerentemente interpretativo, visto que propicia a “integração dos dados de fato num quadro conceptual que constitui um sistema mais ou menos elaborado. Este quadro dá-lhes um sentido, permite compreendê-los (ou dá a ilusão disso) e julgá-los”.

A objetivação da realidade por meio da linguagem é, por conseguinte, redutora da realidade que a substitui, o que implica a relativização de toda informação veiculada por meio do discurso (Mosca, 2002). Evidencia-se, portanto, a opacidade do discurso, que, sendo sempre fruto da adoção de um ponto de vista, embute em si ideologias, as quais ganham circulação conforme um determinado sujeito toma a palavra.

A não neutralidade do discurso está na base da manipulação, que é definida por Van Dijk (2006:360) como “o exercício de uma ilegítima forma de influência por meio do discurso”<sup>2</sup>. Para este autor, “manipuladores fazem com que os outros acreditem ou façam coisas que sejam interessantes para quem manipula e contra os interesses daqueles que são manipulados” (*id. ibid.*)<sup>3</sup>.

Dessa forma, a manipulação distingue-se da persuasão, visto que aquela é o exercício de influência que ocorre inconscientemente, enquanto esta estaria ligada ao esforço explícito de buscaro convencimento de outrem por meio de argumentação (*idem*).

Nesse sentido, a credibilidade de que a imprensa desfruta em nossa sociedade e o fato de que os textos jornalísticos comumente se assentam sobre a ilusão de serem reflexo da realidade somam-se, de modo que esses textos tornem-se propícios ao exercício da manipulação, o qual pressupõe uma ideologia subjacente.

Na seção a seguir, traçamos um breve histórico da imprensa negra e de seus projetos ideológicos, a fim de situar *Raça Brasil* em uma tradição editorial da qual ela é tributária.

### **Dimensão social e histórica: caracterização e gênese de *Raça Brasil***

A publicação do primeiro periódico negro do Brasil, *O Homem de Côr*, ocorreu em 1833. Esse tipo de publicação era geralmente feita por negros libertos e livres que migravam para as cidades onde trabalhavam em troca de dinheiro, o que permitia o acúmulo de capital, condição para que esses indivíduos dessem início a seus negócios.

Sabe-se, entretanto, que a imprensa negra tinha papel relevante na vida social, mesmo antes dessa época, apesar do restrito acesso de seu público-leitor à alfabetização e da censura. Como exemplo de sua importância, podemos citar o planejamento da Revolta dos Alfaiates, de 1798, considerada o primeiro motim urbano brasileiro de raízes propriamente populares, o qual foi organizado por meio de cartazes colados pela cidade de Salvador.

Pode-se dizer, portanto, que as publicações negras correspondem, em seu início, à assim chamada *imprensa alternativa*<sup>4</sup> (Kucinski, 1991), a qual estava fortemente vinculada

<sup>2</sup>Tradução livre de “the exercise of a form of *illegitimate* influence by means of discourse”.

<sup>3</sup>Tradução livre de “manipulators make others believe or do things that are in the interest of the manipulator, and against the best interests of the manipulated.”

<sup>4</sup> Ao utilizar o termo “imprensa alternativa”, Kucinski (1991) refere-se especificamente ao contexto da ditadura militar brasileira e da censura que era imposta aos meios de comunicação. Neste trabalho, ainda que façamos referência a um período histórico anterior, optamos por utilizar a mesma terminologia, por

à ideia de ruptura social. Segundo Lima (s/d:01), seus idealizadores “investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e no alegado moralismo da classe média”. As publicações pertencentes a essa modalidade de mídia têm por característica uma relativa independência com relação à lógica de mercado, isto é, ainda que sejam idealizadas para atender a um público leitor, normalmente não contam com uma estrutura empresarial e não têm o lucro como seu principal objetivo.

A imprensa negra passou, nas duas últimas décadas do século XX, por um processo de transição, o qual é descrito por Mira (2001) como um momento de intensa segmentação dos meios de comunicação. Foi nessa época que o mercado editorial passou a vislumbrar a possibilidade de aproveitar o potencial de consumo do público negro. *Raça Brasil*, lançada em 1996, é um exemplo de uma nova leva de publicações. Essa revista, apesar de não ser alternativa, tendo em vista que se coaduna com a lógica de mercado, manteve algumas das características básicas de suas predecessoras, tais como o engajamento político e a busca pela valorização do grupo negro.

Ao descrever os títulos de imprensa negra existentes no século XX, Bastide (1973:130) esclarece que esta

[...] raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê os jornais dos brancos, é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação de fatos relativos à classe da gente de cor. (...) Esses jornais<sup>5</sup> procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto (...).

De fato, em *Raça Brasil*, o ato de narrar não está necessariamente conectado à produção de notícias, isto é, não atende às demandas de uma “imprensa de informação”, uma vez que grande parte das narrações publicadas pela revista não tem por objetivo dar a público um acontecimento relacionado aos acontecimentos mais recentes do Brasil e/ou do

---

entendermos que havia, durante o Império, uma situação análoga àquela existente durante o regime militar, em que a luta por direitos civis, a busca por visibilidade e a censura caracterizavam a vida pública. Além disso, é significativo salientar que as imprensas de ambos os períodos dividem características essenciais, tais como a relativa independência com relação à lógica de mercado e a defesa de projetos de mobilização social e política.

<sup>5</sup>Bastide trata especificamente de jornais alternativos destinados a negros; entendemos, no entanto, que seus comentários são aplicáveis à revista *Raça Brasil* ou mesmo a outras revistas voltadas ao público afrodescendente.

mundo. Trata-se, antes, de um veículo de comunicação em que as reportagens, colunas assinadas e editoriais que versam sobre questões referentes à cultura negra têm absoluta prevalência.

A tendência ao enaltecimento do negro e à desconstrução de um complexo de inferioridade assinalada por Bastide (1973) é perceptível já no primeiro editorial da revista, que firmava um compromisso em dar visibilidade à parcela negra da população brasileira, de modo a neutralizar a invisibilidade a que está relegada, e, além disso, propiciar uma melhoria da autoestima desta, conforme observamos nos excertos transcritos a seguir:

Todos os dias nascem negros neste país – mas o país não sabe disso, ou finge não saber. Estamos por toda parte, nas ruas, nos escritórios, nos shoppings, restaurantes... No entanto somos invisíveis! Como pode um país não enxergar mais de metade de seu próprio povo?  
Felizmente os tempos estão mudando.  
[...]  
*Raça Brasil* nasceu para dar a você, leitor, o orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo. Vivendo a vida feliz.<sup>6</sup>

A respeito do projeto editorial da revista, Brasileiro (2003) chama a atenção para o fato de que ela apresenta uma configuração em seções que nos mostram assuntos que poderiam estar em outras revistas, mas salienta que, dentro dessa aparente abrangência, existe um recorte temático bastante específico, que faz com que a seleção de conteúdos para as seções tenham como ponto em comum a negritude. Dessa forma, os protagonistas das seções sobre música, cinema, teatro, televisão etc. são sempre negros ou estão relacionados a algum elemento da cultura negra, como o *rap* e o *jazz*.

Procedemos, na seção a seguir, às análises das duas narrativas extraídas de *Raça Brasil*, selecionadas para constituir o *corpus* deste trabalho.

### **Análises: as narrativas de *Raça Brasil*, seus tipos, suas funções**

Para fins de análise, valemo-nos da proposta de classificação de narrativas de *Raça Brasil* que propusemos em Ferreira (2012), segundo a qual estas podem ser de trajetórias de sucesso, trajetórias potencialmente bem-sucedidas ou trajetórias bem-sucedidas com

---

<sup>6</sup>Trecho da seção *Linha de Frente*, publicada na primeira edição de *Raça Brasil*, em setembro de 1996. Trecho transcrito de Brasileiro (2003:49). A grafia e os usos de negrito e caixa alta foram mantidos.

auge em posição intermediária. Neste trabalho, conceituaremos apenas os dois primeiros tipos, por entendermos que são os que melhor descrevem o *corpus* selecionado.

Trajetórias de sucesso são aquelas em que o passado do protagonista é descrito, com mais ou menos detalhes, e a ele se segue um relato de como sua vida melhorou ao longo do tempo, chegando a um auge, isto é, a um ponto em que se observa o cumprimento de um requisito que pode ser reconhecido como uma condição de sucesso.

Trajetórias potencialmente bem-sucedidas, por outro lado, seriam aquelas cujo acontecimento mais recente narrado não corresponde ao momento de maior sucesso obtido pelo sujeito-protagonista da narração, mas apenas a um dos momentos que antecedem um sucesso maior, que é anunciado no texto.

A narrativa (1), intitulada “Entre sonhos e conquistas”, narra as trajetórias de membros da família Ribeiro, dentre as quais destacamos a de Nilton Ribeiro, que inicia sua vida profissional como operador de rádio na cidade de Lavras e chega à posição de sócio de um selo musical e morador de um “elegante apartamento em um condomínio de luxo”. Nilton Ribeiro é retratado como alguém que chegou a um auge, a uma situação de estabilidade financeira e ascensão cultural, como observamos no excerto a seguir:

Ao chegar em São Paulo, vindo da cidade de Lavras, no sul de Minas, o jovem operador de rádio, Nilton Ribeiro levava na mala um único sonho: trabalhar na Rádio Bandeirantes. O sonho não se realizou. Mas ele se tornou dono de gravadora e conquistou o orgulho de ver a filha Joyce apresentando telejornais, os filhos, Otávio montar dois consultórios de cirurgia dentária, e Gustavo formar-se em Comércio Exterior, e a esposa Mercedes, além de se formar em duas faculdades, tornar-se uma clogiada designer de moda.

Não só Nilton, mas sua esposa e filhos são vistos como indivíduos bem-sucedidos, que conquistaram posições profissionais que são dignas de seu orgulho. O sentimento de orgulho sentido por Nilton, aliás, é visto como uma conquista, algo por que ele precisou se esforçar. Dessa forma, ainda que seu sonho de trabalhar na rádio Bandeirantes não se tenha realizado, não há margem para frustração, visto que o sucesso profissional e/ou acadêmico foi alcançado por ele, sua mulher e seus filhos, conforme sugere o uso do conectivo “mas”, que inicia o terceiro período do excerto.



Conforme a tipologia que propusemos, trata-se, pois, da narrativa de uma trajetória de sucesso. A escalada de Nilton, a mais detalhada no texto, é representada no gráfico a seguir:

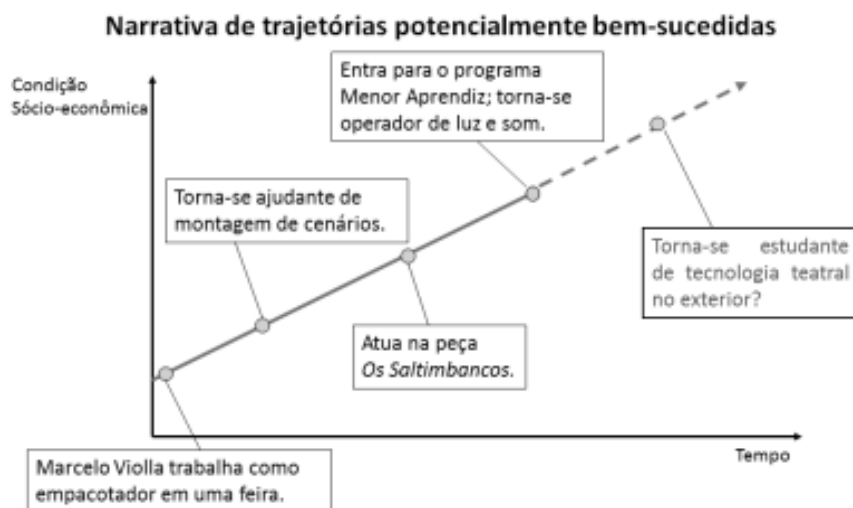


A narrativa (1), desde seu título, “Entre sonhos e conquistas”, deixa claro o papel central das conquistas da família Ribeiro. O fato de o texto dedicar-se quase que integralmente a narrar a ascensão dos diversos membros da família Ribeiro sugere que o próprio fato de a família ter obtido sucesso é o motivo por que ela se torna elegível para aparecer na revista, como protagonistas de narrativas.

Nesse sentido, não apenas Nilton Ribeiro mas também os membros de sua família tornam-se modelos de sucesso, espécie de provas vivas de que negros, ainda que social e historicamente relegados a posições subalternas e à pobreza, podem ascender por meio do trabalho, do estudo e do esforço individual, para, enfim, chegarem a uma posição social favorável, em que não são encontrados traços de dificuldades financeiras. A imagem que se projeta de Nilton é, portanto, bastante similar à de um *self-made man*, isto é, do arquétipo de homem que consegue, por seus méritos, ascender profissional e economicamente, o que levou também à ascensão social de sua família.

As trajetórias potencialmente bem-sucedidas, por sua vez, conforme proposto em Ferreira (2012:144), são “todas as narrativas em que é feita menção de um ou mais objetivos de vida ainda não conquistados por seus protagonistas”. É este o caso da narrativa(2), intitulada “Além da vocação”, em que é narrada a história de Marcelo Violla.

Assim como na narrativa (1), a narrativa (2) também privilegia fatos da vida de seu protagonista que dizem respeito a sua carreira profissional, mais especificamente ao seu início e à sua evolução até o momento da publicação da reportagem, conforme observamos no esquema a seguir:



Observe-se que Marcelo é representado pelo texto como “uma dessas pessoas que passam pela rua e nem fazemos ideia de sua trajetória de vida”, isto é, como alguém que, em meio a um grupo, não atrai atenção especial, visto que há outros tantos como ele.

A singularização da trajetória de Marcelo é construída conforme sua vida é narrada, desde seu primeiro contato com o teatro até o presente da escrita do texto, quando alguma melhoria em sua condução social já pode ser observada. Ao contrário do que ocorre com Nilton Ribeiro, não há qualquer alusão a uma condição financeira confortável ou registro de aquisições grandiosas, como apartamentos elegantes ou aquisições de empresas. Os méritos de Marcelo são mais modestos: deixar o emprego como carregador em uma feira livre, iniciar sua trajetória no teatro como montador de cenários, fazer uma participação como ator e voltar às coxias.

Além disso, é significativo observar que a reportagem abre espaço para que seja exposto um objetivo de Marcelo, a saber, estudar tecnologia teatral no exterior, conforme observamos no excerto a seguir:

Acostumado a iluminar histórias alheias, Violla espera que a luz do seu caminho não se apague. “Assim que terminar meu curso, vou começar a fazer inglês. Meu sonho é poder estudar tecnologia teatral fora do Brasil — e trabalhar com grandes nomes do teatro”, planeja, sem deixar dúvidas de que o futuro será brilhante!

Diferentemente da narrativa (1), sobre Nilton Ribeiro, a qual cria a impressão de que seu protagonista chegou a uma espécie de auge, caracterizado pela obtenção de uma condição social favorável, a narrativa (2), sobre Marcelo Violla, representa seu protagonista como alguém que ainda busca ascensão, isto é, que não concluiu seu processo de escalada econômica, cultural e social.

Nesse sentido, apesar de muito diferentes, as narrativas de Nilton e Marcelo estão submetidas a critérios, que, uma vez atendidos, possibilitam que sejam selecionadas para publicação. Se por um lado a narrativa sobre Nilton Ribeiro chama a atenção por ser uma história de sucesso, sobre surgimento de um homem bem-sucedido, fato que a singulariza; a história de Marcelo Violla parece mais comum, fato que poderia levar a um questionamento: por que motivo ambas as narrativas foram selecionadas para compor a publicação?

Os resultados apresentados em Ferreira (2012) sugerem que ambos os tipos de narrativa são recorrentes na revista *Raça Brasil*. Uma motivação plausível para a insistência na representação de pessoas cujas histórias não são excepcionais pode ser pensada a partir da ideia de que ambas as narrativas apresentam histórias de protagonistas que podem ser tomados como modelos.

Dessa forma, Nilton Ribeiro é considerado um modelo de um tipo de sucesso que poderia ser atingido pelos leitores da revista, caso não desfrutem de situação financeira parecida, por meio do esforço individual, do estudo e do talento; a narrativa da vida de Marcelo Violla, por outro lado, consistiria em uma tentativa de fazer com que pessoas em condições mais modestas, maioria entre os negros, pudessem se identificar com o protagonista e, como ele, buscar a melhoria de suas condições de vida, pelos mesmos meios, a saber, o estudo e o trabalho.

Nesse sentido, é relevante que seja analisado o excerto abaixo, sobretudo o trecho negrito, em que a esperança (ou, nesse caso, a certeza) de que o iluminador Marcelo Violla terá um futuro marcado pelo sucesso se marca linguisticamente de modo explícito:

Assim que terminar meu curso, vou começar a fazer inglês. Meu sonho é poder estudar tecnologia teatral fora do Brasil – e trabalhar com grandes nomes do teatro”, planeja, **sem deixar dúvidas de que o futuro será brilhante!**<sup>7</sup>.

A crença na possibilidade de ascensão de um negro comum foi, nesse caso, reforçada pelo discurso da revista, que, em lugar de ater-se à narração dos fatos que compõem a trajetória de Violla, apresenta uma previsão sobre o que acontecerá. A expressão “sem deixar dúvidas” tem, nesse caso, função modalizadora: expressa certeza com relação ao sucesso do protagonista da narrativa. Tal movimento discursivo evidencia a tendência, por parte da publicação, de enaltecer os indivíduos que retrata.

Dessa maneira, observa-se que a revista *Raça Brasil* não é exceção dentro da imprensa negra, que, conforme Bastide (*id. ibid.*), constitui-se precipuamente como uma forma de exaltar os negros, de modo a criar, entre os membros do público leitor, um sentimento de orgulho que decorre do pertencimento a um grupo formado por indivíduos notáveis, favorecendo, desse modo, o fortalecimento ou a criação de uma identidade de grupo.

Face ao exposto, pode-se afirmar que tanto as narrativas de trajetórias de sucesso quanto as de trajetórias potencialmente bem-sucedidas polemizam com o estereótipo negativo dos negros, que compreende características como inerte, incapaz e pobre, mas o fazem de modos diferentes, conforme esquematizado a seguir:

As trajetórias de sucesso:

- projetam a imagem de negros trabalhadores e competentes;
- desvinculam a condição de negro da pobreza;
- afirmam a possibilidade de obtenção de ascensão social;
- constroem representações de indivíduos bem-sucedidos que podem ser tomados como modelos a serem seguidos pelo público;
- sugerem que o grupo é formado por indivíduos que possuem méritos significativos; e

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

- indicam que o sentimento de pertencimento ao grupo deve ou pode ser caracterizado por um sentimento de orgulho.

As trajetórias potencialmente bem-sucedidas:

- projetam a imagem de negros trabalhadores e competentes;
- afirmam a possibilidade de obtenção de ascensão social;
- propiciam a identificação do público leitor com o(a) protagonista da narrativa; e
- sugerem que negros, a despeito de suas condições sociais desfavorecida, podem ambicionar melhorias em suas vidas.

Cabe observar que a revista tende a enaltecer a minoria negra tendo por base a capacidade de conquista de posições sociais mais favoráveis de seus membros. A adoção desse critério não parece fortuita, mas motivada pelo conjunto de características negativas normalmente associadas à minoria. Como forma de negar, por exemplo, a ideia de que negros não são trabalhadores e que por isso estariam relegados à pobreza, a revista constrói narrativas de sucesso possibilitadas pelo trabalho. Essas narrativas consistem, portanto, numa forma de contradizer discursos discriminatórios que circulam em nossa sociedade e contribuem para que a ideia que se tem do grupo negro seja negativa.

Dessa forma, pode-se afirmar que a busca por enaltecimento dos negros não obedece a uma lógica própria do grupo minoritário, mas do majoritário, o que é sintoma de adesão da publicação aos valores deste. Assim, segundo essa lógica, os membros da minoria só podem ser avaliados positivamente ou mesmo tornarem-se modelos de conduta se agirem de acordo com comportamentos e valores estabelecidos pelos grupos majoritários. A ruptura de valores pretendida pela revista quando sugere que negros podem ser modelos de talento não implica, portanto, uma subversão total de valores, visto que embute em si a vontade de construir uma imagem (e um modelo) de negro que não coincida com as características negativas comumente atribuídas à minoria negra.

### **Considerações finais**

Ambas as narrativas procedem ao enaltecimento de seus protagonistas, mas o fazem de modos distintos. Enquanto a narrativa (1) procura retratar Nilton Ribeiro como um homem negro bem-sucedido, que conquistou uma posição socioeconômica privilegiada por meio de seu esforço individual e trabalho, a narrativa (2) procede à narração de fatos da

vida de Marcelo Violla, indivíduo cuja ascensão social é mais modesta e ainda incompleta, visto que ainda há objetivos profissionais, educacionais e sociais a serem alcançados.

A observação dos dois tipos de narrativa permite que se identifique um esforço, por parte da revista, de valorização tanto de negros bem-sucedidos quanto daqueles que ainda buscam melhorias em suas condições de vida. A variedade quanto à escolha de protagonistas parece corresponder a uma tentativa de fornecer modelos de indivíduos negros variados, com os quais o público leitor pudesse travar relação de identificação.

Assim, tendo em vista que a atribuição de afetos a determinados grupos é feita social e culturalmente e ocorre por meio da circulação de discursos na sociedade, a publicação de narrativas pode ser interpretada como um esforço de manipulação que visa ao enaltecimento dos negros por meio da vinculação de afetos positivos a essa minoria, com vistas ao fortalecimento de um orgulho de pertença a ela.

Dessa forma, a relação que a revista estabelece com as ideias estereotípicas (e preconceituosas) de que negros são necessariamente pobres, menos inteligentes e afeitos ao trabalho é de contestação. Negam-se essas características, mostram-se outras que com elas estabelecem relação de conflito, para, por fim, propiciar uma reformulação da ideia que se tem dos indivíduos negros.

O projeto da revista consiste, portanto, em uma tentativa de promover a invalidação das ideias estereotípicas negativas comumente associadas a negros, substituindo-as por outras mais favoráveis, de modo a promover o aumento de uma autoestima intragrupal.

Constatou-se, ademais, que a revista em questão promove o enaltecimento de negros segundo critérios que são impostos de fora para dentro, isto é, do grupo majoritário para o grupo minoritário. Assim, a condenação de comportamentos discriminatórios contra a minoria negra não ocorre com base na ideia de que negros não merecem ser discriminados em virtude do direito à dignidade e ao respeito, mas como consequência de uma conformação dos indivíduos negros a um padrão de comportamento estabelecido externamente, que lhes é imposto.

**ANEXOS**

Narrativa 1

FAMÍLIA RAÇA

▶ OS RIBEIRO

Da esq. para a dir.:  
Joyce, Nilton e  
Mercedes (sentados).  
Luciano, Gustavo e  
Otávio (em pé)



# ENTRE SONHOS E CONQUISTAS

Quem vê a jornalista Joyce Ribeiro apresentando as previsões do tempo ou substituindo os âncoras dos telejornais do SBT, logo percebe, pela sua segurança, que ela só poderia ter uma bem estruturada família, que a apóia em tudo o que faz

por OSWALDO FAUSTINO | fotos RAFAEL CUSATO





Joyce Ribeiro, Luiz Bacci, Christina Rocha e Herberth de Souza. Apresentadores do Aqui Agora no SBT em março de 2008

Ao chegar em São Paulo, vindo da cidade de Lavras, no sul de Minas, o jovem operador de rádio, Nilton Ribeiro levava na mala um único sonho: trabalhar na Rádio Bandeirantes. O sonho não se realizou. Mas ele se tornou dono de gravadora e conquistou o orgulho de ver a filha Joyce apresentando telejornais, os filhos, Otávio montar dois consultórios de cirurgia dentária, e Gustavo formar-se em Comércio Exterior, e a esposa Mercedes, além de se formar em duas faculdades, tornar-se uma elogiada designer de moda.

“Assim que fui dispensado de servir o Exército, em 65, deixei meu emprego na Rádio Cultura de Lavras, filiada da Rede Bandeirantes, e vim me aventurar na capital — conta Nilton —, acreditando que tinha emprego garantido. “Não me deixei dominar pela decepção de não ser aceito. Fui trabalhar na Rádio Tupi, como operador e discotecário. Na discoteca, comecei a forjar minha verdadeira vocação”, lembra.

### “EU TINHA 19. FIQUEI AMIGO DA FAMÍLIA, EM QUE TODAS AS MULHERES ERAM PROFESSORAS, E PASSEI A FREQUENTAR A CASA...”

Nos anos 70, dois convites mudaram a vida de Nilton Ribeiro: o primeiro, ser divulgador da gravadora Beverly, com salário três vezes maior que o da rádio; e o outro, ir a uma festa no Clube Icarai, em Bauru, no interior paulista. Lá, fez amizade com uma moça chamada Maria

José, que tinha uma irmãzinha chamada Mercedes, de 12 anos. “Eu tinha 19. Fiquei amigo da família, em que todas as mulheres eram professoras, e passei a frequentar a casa. Quando Mercedes completou 16 anos, começamos a namorar. Quatro anos depois, nos casamos. Isso há 32 anos”. ▶

## FAMÍLIA RAÇA

## ▶ OS RIBEIRO



▶ Percorrendo estúdios de rádio e televisão, na divulgação dos grandes nomes da MPB, Nilton foi aprendendo a produzir discos e, nos anos 90, foi convidado pelo ex-colega da EMI Odeon, Sílvio Arnaldo, para ser seu sócio na gravadora Paradoxx, até então, especializada em Dancing Music. “Fiquei responsável pela parte nacional e gravamos muita gente boa”. Ele inicia uma lista infindável de nomes, apenas o *“crème de la crème”*.

Em 2002, a sociedade se desfez e ele deixou a Paradoxx, levando consigo 150 títulos — discos de artistas como Jamelão, Leny Andrade, Ita-

mar Assumpção, Altay Veloso, Arthur Maia, Eliana da Lima, Mauro Diniz, Berimbrown — e criou o selo Obi, que é uma semente usada nas leituras de búzios (Ifá). Nilton e a família têm muita fé em religiões de matriz africana.

Durante a entrevista no elegante apartamento, num condomínio de luxo, na zona sul de São Paulo, Mercedes demonstra acompanhar de perto a carreira do marido. Conhece detalhes das negociações com os artistas. Jovial, não abre mão do papel de matriarca. “Não abro mesmo. E já disse a Joyce que até 2010, quero um neto.”

“NÓS  
FICAMOS  
SUPER  
ORGULHOSOS  
POR SERMOS  
CHAMADOS  
DE FAMÍLIA  
RAÇA”



Este, porém, não é seu único sonho. Para breve, mãe e filha estão empenhadas na criação da grife Mercedes Ribeiro. Além de desenhar roupas para festa, ela se especializou em modelagem, pelo Senac.

Casada desde 2006 com o engenheiro civil Luciano Machado, Joyce sorri quando ouve a advertência materna. “Por enquanto quero apenas ajudá-la a realizar o sonho da grife. O outro vai ter que esperar mais um pouco”. Ao dizer isso, busca um olhar de apoio de Luciano, que parece não concordar muito com a ideia. Formado pelo Mackenzie, com MBA pela FGV, ele trabalha numa importante empreiteira brasileira, com grande atuação no exterior. É consultor para construtores e varejo, e compartilha da opinião da sogra!

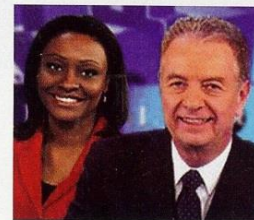
Sonhando ser professora, Mercedes fez faculdade de Ciências Físicas e Biológicas, mas logo vieram os filhos e ela resolveu, por um período, administrar o lar. Um

dia, porém, decidiu voltar aos bancos acadêmicos para estudar o que realmente a faz feliz: moda. Começou criando roupas para a filha e logo chamou a atenção de uma interessante clientela.

Houve um tempo em que Joyce queria ser modelo e manequim. Desfilou dos 16 aos 22 anos. Posou para fotos em algumas das primeiras edições de RAÇA BRASIL. Mas depois preferiu estudar Jornalismo. Pós-graduada em Economia e Política, antes do SBT, trabalhou na TV RIT, do bispo evangélico RRSoare e, depois, foi a primeira apresentadora do jornal *Record News*, da Record Internacional.

“Meus sonhos, por enquanto, são apenas profissionais: para breve, apresentar meu próprio telejornal e, futuramente, ter meu programa, nos moldes da Oprah Winfrey. Quero também fazer grandes reportagens internacionais, como as que Glória Maria fazia no *Fantástico*”, revela.

“MEUS SONHOS, POR ENQUANTO, SÃO APENAS PROFISSIONAIS: PARA BREVE, APRESENTAR MEU PRÓPRIO TELEJORNAL E, FUTURAMENTE, TER MEU PROGRAMA, NOS MOLDES DA OPRAH WINFREY...”



Joyce Ribeiro ao lado do jornalista Hermano Hening

### SUCESSO EM FAMÍLIA

Durante toda a entrevista realizada com a família Ribeiro, Joyce sorri, exibindo os belos dentes, numa espécie de merchandising do trabalho do irmão Otávio, um cirurgião dentista, com consultórios no bairro de Moema e no Embu das Artes. “Gosto muito de cirurgia, mas estou me especializando em implante dentário. Hoje, uma das áreas mais promissoras de minha profissão é a reabilitação. É o que mais se assemelha à dentição natural”, explica.

Ao lado do cunhado, o caçula Gustavo, apenas acompanha as falas do pai, da mãe e dos irmãos. Aos 22 anos, ele acaba de se formar em Comércio Exterior e trabalha na área de importação e exportação de uma multinacional farmacêutica. Não esconde que também pretende alçar altos vãos, de preferência, internacionais.

“Nós ficamos super orgulhosos por sermos chamados de Família Raça”, comenta Nilton Ribeiro e Mercedes complementa: “Pois é mesmo com muita raça e também com participação de todos, unidos, que cada um de nós tem vencido nas áreas que todos nos propusemos a atuar”. ■



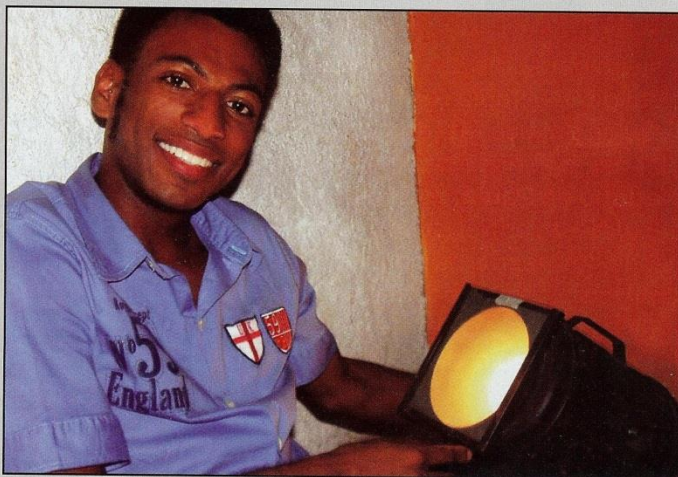
## Narrativa 2

▶ EU NA RAÇA

# Além da vocação

texto e foto KÁTIA GOMES

O iluminador e sonoplasta **Marcelo Violla**, 30 anos, é uma dessas pessoas que passam por nós na rua e mal fazemos idéia de sua trajetória de vida. O jeito franzino esconde um guerreiro. Com um sorriso largo de quem não guarda ressentimentos, ele conta que, aos três anos de idade foi morar no bairro do Cangaíba, na zona leste de São Paulo, com a avó e a mãe adotiva. A infância não foi fácil, mas o destino generoso. Através de amigos que moravam do outro lado da cidade, conheceu o homem que mudaria sua vida: Paolino Raffantti, diretor teatral.



Violla, que tinha apenas 12 anos e era empacotador de mercadorias na feira, começou a trabalhar nas coxias do teatro, ajudando a montar cenários. “Eu me fascinei por aquele ambiente e comecei a vislumbrar outros horizontes e novas possibilidades”, recorda. De tanto assistir ao mesmo espetáculo, o musical infantil *Os Saltimbancos*, chegou a decorar as falas de um dos personagens do coro sem desconfiar que um dia pudesse fazê-lo.

“Meses depois, o ator que o interpretava precisou sair da peça e eu fui convidado para substituí-lo”. Violla agarrou a oportunidade e só deixou os palcos após quatro anos, quando já estava crescendo para o papel. A partir daí, começou a se dedicar aos bastidores: montagem de cenário, operação de som e luz, sempre depois do expediente no *Programa Menor Aprendiz*, desenvolvido pela Caixa Econômica Federal.

“Nada foi planejado. Fui conhecendo

peças que perceberam minha curiosidade em aprender e me ensinaram”, diz Violla que, após conseguir uma bolsa de estudo para um curso técnico de iluminação, pode trabalhar com atores do porte de Pedro Paulo Rangel, Marcelo Mansfield, Eduardo Silva, Gabriel Braga Nunes, Bianca Rinaldi e, atualmente, com Clarice Niskier na peça *A Alma Imoral*, em cartaz até final de maio no Teatro Erva Herz, em São Paulo.

Hoje consegue viver exclusivamente de sua arte e ajuda, majoritariamente, a compor o orçamento para o sustento de mais seis pessoas. “A mulher que me criou morreu e há cinco anos, depois de muito tempo morando sozinho, voltei para a casa da minha mãe biológica. Estou resgatando o convívio familiar e prezo a qualidade de vida deles”. Por enquanto, ainda mora na periferia, paga aluguel e pega quatro conduções de manhã para chegar à Zona Oeste, na Lapa, onde faz o curso de Radialista-Sonoplastia do Senac.

Nos finais de semana, chega a trabalhar cerca de 16 horas um dia. “Eu amo o que faço. O teatro me proporciona momentos que eu não poderia imaginar experimentar em outras circunstâncias como a troca com pessoas de universos distintos que me motivam a crescer como ser humano e ter outra visão do mundo. Viagens também são constantes neste meio, inclusive, cheguei a fazer um cruzeiro. Quando é que eu faria um se não fosse a trabalho?”, rebate, sem perder o bom humor. Acostumado a iluminar histórias alheias, Violla espera que a luz do seu caminho não se apague. “Assim que terminar meu curso, vou começar a fazer inglês. Meu sonho é poder estudar tecnologia teatral fora do Brasil — e trabalhar com grandes nomes do teatro”, planeja, sem deixar dúvidas de que o futuro será brilhante!

AGRADECIMENTOS: ESPAÇO DOS PARLAPTOES

## Referências

BASTIDE, R. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”. In: *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BODENHAUSEN, G. V. Emotions, arousal, and stereotypic judgments: a heuristic model of affect and stereotyping. In: HAMILTON, D. L.; MACKIE, D. M. (eds.). *Affect, cognition, and stereotyping: interactive process in group perception*. San Diego: Academic Press, 1993.

BRASILEIRO, Y. B. *Um quilombo na mídia: um estudo discursivo da revista Raça*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2003.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 11-27, 2005.

\_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, F. M. *Estereótipos e discurso: a (re) construção da imagem de minorias em revistas de nicho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2012.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira*. São Paulo: Escrita, 1991.

LIEBKIND, K. *Minority identity and identification processes: a social psychological study*. Commentationes Scientiarum Socialium. Helsinki: The Finnish Society of Sciences and Letters, 1984.

LIMA, M. A. *Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil*, s/d. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPrensa-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf> (Consultado em 06/06/13)

MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2001.

MOSCA, L. L. S. Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa. In: BARZOTTO, V. H.; GHILARDI, M. I. (Orgs.) *Nas Telas da Mídia*. São Paulo: Alínea, 2002, p. 9–22.

OLÉRON, P. *A argumentação*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

TAJFEL, H. *Human groups and social cognition: studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

VAN DIJK, T. A. Discourse and manipulation. *Discourse and Society*, vol. 17(2): 359-386. London: Sage, 2006.